



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua do Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA

da FÁTIMA

(13 DE MARÇO)

Mais uma vez numerosas e devotas multidões de crentes acorreram, em transportes de alegria, aos pés da Rainha do Céu, no augusto santuário de Fátima, para lhe tributarem a homenagem sentida da sua Fé, da sua gratidão e do seu amor.

Como se explica esta incessante e caudalosa torrente de almas que se despenha em formidáveis avalanches, de tantos pontos do território nacional sobre o recinto mil vezes bendito das aparições e dos sucessos maravilhosos?!

E' que Maria Santíssima é a Medianeira de tôdas as graças, como a proclamou a Igreja de Deus, e em parte alguma o seu coração maternal se mostra mais sensível às súplicas de seus filhos e mais generoso para com eles do que no planalto sagrado da serra de Aire, que ha dez anos se dignou escolher para trono da sua bondade e da sua soberana munificência.

Ali, naquela estância divina, teatro de assombrosos prodígios e manancial de dons inefáveis, no meio da atmosfera sobrenatural que a largos haustos se respira por tôda a parte, os fiéis oram com mais fervor, desfiando ante os olhos da Mãe da divina graça o rosário interminável das suas dores, das suas máguas e das suas aspirações, e, assim como os inocentes pastorinhos de Aljustrel a viam no seu êxtase, assim eles, durante os seus longos colóquios, quasi que a vêem na profundidade da sua Fé, quasi que a sentem na intensidade do seu amor.

Esses colóquios com a Virgem bendita quantas vezes não são para as almas transviadas ou túbias o ponto de partida duma restauração da vida cristã ou dum robustecimento da fé e da piedade!

Só a eternidade, rasgando de alto a baixo o véu que esconde os arcanos do tempo, nos revelará os tesouros riquíssimos de virtude e santidade, de que a oração na Cova da Iria é o princípio e a renovação, assim como a série inumerável dos

benefícios sobrenaturais que brotam sem cessar dessa fonte de graça e de perdão ali criada pelo Coração misericordiosíssimo da augusta Mãe de Deus e dos homens.

As onze horas da manhã, os peregrinos retardatários que chegavam junto dos muros de cintura do local das aparições e volviam os olhos de relance para o soberbo e empolgante espectáculo oferecido pela multidão aglomerada em torno dos santuários,



Uma servita

(Instantaneo em Maio de 1927)

deviam sentir avivar-se nitidamente na sua retina a visão das scenas incomparáveis dos grandes dias da Primavera e do Estio. Milhares de pessoas de ambos os sexos, de tôdas as idades e condições sociais, punham uma enorme mancha escura naquela imensa esplanada, enchendo-a por completo de animação e de vida.

Os servos de Nossa Senhora do Rosário, que na sua grande maioria pertenciam ao grupo de Tôrres Novas, fortalecidos com os santos exer-

cícios espirituais que fizeram durante os dias de Carnaval no próprio recinto das aparições e alimentados com o Pão dos Anjos numa das primeiras missas dessa manhã, cumprem com superior critério, raro zelo e extrema solicitude os múltiplos encargos da sua espinhosa e delicada missão.

Por outro lado, as servas de Nossa Senhora do Rosário, ufanas com os seus lindos hábitos brancos, símbolo da pureza sem mácula que deve reinar sempre nos seus corações, assistem com uma dedicação e carinho edificantes os doentes já recolhidos no respectivo pavilhão situado de frente da capela das missas.

As bancadas do pavilhão são ocupadas por dezenas de enfermos que passaram previamente pelo Posto das verificações médicas, onde os seus nomes e moradas e as doenças de que sofriam foram registados no livro competente.

Pouco depois das onze horas e meia, o dr. José Maria Pereira Gens, director do Posto, encerrada a inscri-

admirável e a caridade mais edificante, porque todos os que ali se encontram, atraídos por vivos sentimentos de Fé e piedade, são irmãos em Cristo e filhos do mesmo Pai que está no Céu.

O cortejo que conduz a veneranda Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas põe-se finalmente em marcha. O andor é transportado aos ombros de quatro senhoras, pertencentes à Associação das servas de Nossa Senhora do Rosário. Precedido do clero e ladeado pelos servitas, é acompanhado e seguido de muito povo.

Colocada a Imagem sobre o seu pedestal no altar-mór da capela das missas, do lado do Evangelho, e rezado o *Credo* em comum pelos sacerdotes e pela multidão, o celebrante da missa oficial sóbe ao altar e começa o santo sacrificio.

Durante a missa, reza-se o terço do Rosário, cuja recitação é entremeadada de cânticos piedosos e comventes.

Depois da missa, o rev.º pároco de Ourém prêga um longo e substancioso sermão sobre a vaidade dos bens do mundo e a necessidade e o dever de servir a Deus.

Terminado o sermão, canta-se o *Tantum-ergo*, dá-se a bênção aos doentes e por fim a bênção a todo o povo. E, realizada a procissão para se reconduzir a veneranda Imagem de Nossa Senhora à capela das aparições, concluem as cerimónias oficiais do culto do dia treze na Cova da Iria.

Corria entre os peregrinos que o pregador oficial era o rev.º Padre Matéo Crawley, o grande apóstolo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que anda percorrendo o mundo, como cavaleiro andante do Amor de Deus, para abraçar os corações dos homens no fogo ardente desse amor puríssimo.

O boato, a que alguns jornais deram consistência e vulto, acolhendoo nas suas colunas, e que atraiu a Fátima muitos peregrinos anciosos de ouvir o apóstolo pobrezinho, não tinha nenhum fundamento. E' certo que o grande arauto da palavra divina deseja e tenciona visitar a Lourdes portuguesa, mas ainda se ignora o dia em que irá, como também se não sabe por enquanto se pregará nalgum dia treze.

Consta que o orador de Abril será

o Ex.º Sr. D. Teotónio Vieira de Castro, Bispo de Meliapor, e o de treze de Maio o Ex.º Sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora.

Anunciam-se igualmente numerosas romagens de diversas regiões do país para os meses da Primavera e do Verão, tendo resolvido os organizadores dalgumas dessas manifestações de Fé e piedade realizá-las fóra do dia treze, para que os peregrinos possam satisfazer com mais comodidade e recolhimento as exigências da sua devoção e efectuar actos do culto privativos em comum.

Com a reparação das estradas que conduzem das estações do caminho de ferro mais próximas à futura Lourdes portuguesa e com o alargamento daquelas que dão acesso imediato ao local das aparições, como está em projecto prestes a ser executado, é de supor que se multipliquem as peregrinações paroquiais e regionais fóra dos dias treze. E o número dessas peregrinações aumentará ainda mais quando fôr um facto — e sê-lo-á brevemente — o caminho de ferro destinado a ligar a trilogia monumental, — Tomar — Batalha — Alcobaca e que se deve sobretudo aos esforços inteligentes e porfiados dessa figura prestigiosa de grande relêvo intelectual e moral que é o dr. Vieira Guimarães.

Visconde de Montelo.

Coração agradecido

De Nogueira do Cravo — Oliveira do Hospital — diz-nos o nosso amigo Alfredo Elvas Ferreira:

«Em cumprimento da minha promessa e para maior honra e glória da Santíssima Virgem, venho novamente trazer ao conhecimento de todos os leitores do nosso querido jornal «Voz da Fátima» os seguintes acontecimentos que muito de vem interessar a todos aqueles que tenham recebido graças de Nossa Senhora da Fátima:—

Quando em outubro de 1924, fui atacado por uma fortíssima pressão de brônquios e asma, usei de um tratamento que, longe de me fazer bem, me levou quasi ás portas da morte.

Numa dessas maiores crises, minha irmã julgou-me perdido, começando eu já a apresentar feições cadavéricas, como ela mais tarde me relatou. Nessa altura, lembrei-me de que tinha no meu quarto uma garrafinha com agua de N. Senhora da Fátima e pedi para que me dessem um calix dessa agua milagrosa.

Bebi-a com muita fé, ao mesmo tempo que invocávamos a protecção da Santíssima Virgem. Meia hora depois, já tinha posição e as feições começaram a modificar-se. Poucos dias depois, entrava em franca convalescença.

Foi ésta a primeira graça. Tempos depois, tive novas crises que muito alteraram a minha saúde. Quando já estava quasi restabelecido, ao empregar um pouco de força a mais do que a que devia, dei origem a qualquer rotúra que me fez lançar sangue pela boca.

Chamando o meu médico assistente, Ex.º Sr. Dr. António Vaz Páto, fui submetido a tratamento conseguindo melhorar.

Alguns meses depois, não estando ainda bem cicatrizada a primeira rotura, devido a um esforço maior, rebentou me novamente o sangue. Na ausencia do meu médico assistente, minha família chamou o Sr. Dr. Mendes Costa, médico do partido em Oliveira do Hospital, que, depois de me ter observado cuidadosamente, declarou a minha família a gravidade da minha doença: infecção no pulmão direito. Desta vez a doença já não cedia a cuidados nem a medicamentos.

Reconhecendo que na medicina já não havia recursos para atalhar o mal, recorri com todo o fervor da minha alma a Nossa Senhora da Fátima deliberando

ir lá em setembro do ano corrente—1925—com minha família.

O meu médico assistente, ao ter conhecimento de tal resolução, declarou o grande inconveniente que havia numa viagem tão longa (350 quilómetros, ida e volta).

Minha família, á vista do que o médico lhe disse, suspendeu o carro que já estava alugado. Logo que disso tive conhecimento, não fiquei satisfeito, voltando novamente a alugar-se o carro, pois, o impulso da minha fé era tão grande que em nada encontrava barreiras.

Em virtude da minha resistencia, o meu medico aconselhou a meu irmão, na qualidade de enfermeiro, todos os medicamentos necessarios, no caso de qualquer eventualidade.

Já relacionados com o Sr. P.e Manoel Pereira da Silva, hoje nosso particular amigo, resolveu-nos todas as dificuldades de hospedagem em Leiria.

Acompanhado por minha mãe, que faleceu alguns meses depois, e meus dois irmãos, depois de termos recebido a Nossa Senhora, lá seguimos nós no dia 12 de setembro em direcção a Leiria.

A viagem, ao contrario do que muitos pensavam, foi em tudo o melhor que se podia desejar. Para complemento da minha felicidade, lá tinha em Leiria, mesmo aos pés da cama que me foi destinada, a imagem do Sagrado Goração de Jesus, onde tempos antes tinha sido feita a sua entronisação.

Tudo parecia destinado pela mão da Providencia!

Esta noite ainda a passei mal precisando dos cuidados de minha família.

Ao romper o dia 13, preparámo-nos para seguir a ultima etape. A maneira que avançávamos parecia sentir em mim uma nova vida.

As 9 horas tínhamos atingido o local das aparições por nós tão desejado. Entramos no pavilhão destinado aos doentes onde os servitas nos dispensaram todas as atenções.

Pouco depois recebiamos a Nossa Senhora, O desejado dos nossos corações.

E'-me impossivel descrever o que nesses momentos se passava na minha alma onde Jesus habitava, embora me considerasse um miseravel peccador!

Terminadas as minhas orações em acção de graças, tomei um pouco de leite misturado com a agua milagrosa e alguns biscoitos, conservando-me assim até cerca das 3 horas da tarde. Fui assistindo a todas as missas até que se aproximasse o momento solene em que Nossa Senhora é conduzida da sua capelinha para o pavilhão dos doentes no meio das aclamações entusiasticas de toda a multidão.

Não duvidei nesse momento pôr em prova os meus pulmões, que antes fraguejavam ao mais ligeiro impulso.

Os meus vivas a Nossa Senhora soltavam-se cheios de entusiasmo e fé ardente.

Segue-se a missa pelos doentes, em que se recita conjuntamente o terço entremeadado de capticos. No final o «Tantum ergo» que foi cantado num tom bastante elevado, mas cantei-o com a mesma facilidade como se o tivera cantado mil vezes. Minha mãe que estava junto de mim, ao ouvir-me cantar com tanta naturalidade, chorava e rezava de alegria e de reconhecimento para com Nossa Senhora que já nos tinha atendido nas nossas supplicas.

Eu sentia-me já inteiramente transformado na minha saúde.

Segue-se a benção do S.S. Sacramento aos doentes. Que espectáculo tão grandioso, verdadeiramente comovedor!

Quantas lágrimas! Quantas preces ferventes! Quantos corações nesses momentos se abrem tão santamente para Jesus!...

Momentos depois, Nossa Senhora é reconduzida á sua capelinha das aparições. Sempre o mesmo entusiasmo e os mesmos vivas a aclamarem a Rainha dos Ceus! Que saudades! O tempo passa, mas a recordação desses momentos felizes está sempre presente.

Terminada a procissão, fui com os meus á sacristia agradecer ao Sr. P.e Silva todas as atenções que nos tinha dispensado. Ele, muito satisfeito e sempre alegre, pergunta-me:

—Então, como se sente?!

—Sinto-me bem disposto, Sr. P.e Silva, mesmo muito bem disposto, só muito fatigado, o que não admira, atendendo á longa viagem e ao destraino de tanto tempo sem exercicio.

Depois de termos comido a nossa merenda e dizermos a Nossa Senhora o ultimo adeus de saudade, retirámo-nos na santa paz do Senhor, para Leiria.

Esta noite de 13 para 14 já foi um puro contraste com as anteriores, dormindo

toda a noite sem mais incomodar ninguém.

No dia 14, logo pela manhã, fomos ouvir missa e receber Nosso Senhor das mãos do Sr. P.e Silva, na Igreja da Misericórdia.

Apesar de ter que vencer uma ladeira, já não encontrei as dificuldades de vespéra.

Segue-se depois a nossa viagem de regresso onde o resto de minha familia nos esperava com anciedade. Graças á protecção da Santíssima Virgem, não tivemos que lamentar o mais ligeiro incidente.

Ao parar o nosso carro, muitas pessoas amigas nos cercam para saberem noticias. Logo que tiveram conhecimento de tudo o que se tinha passado, muitas almas se começaram a incendiar na fé por N. Senhora da Fátima, até essa data quasi inteiramente desconhecida nos nossos sitios.

O meu medico assistente notou logo em mim uma grande transformação.

Meu padrinho, prior desta freguesia, consagrou-se tambem a Nossa Senhora da Fátima, fazendo voto de celebrar a santa Missa em todos os dias 13 de cada mês no altar de N. S.a do Rosario, notando-se sempre uma grande concorrencia de fieis. Poucos mezes a poude celebrar por Nosso Senhor o ter chamado a contas em março a seguir.

Colocámo-nos com o seu consentimento, na Igreja parochial um quadro de N. Senhora da Fátima e junto uma caixa para esmolas, sendo avisado o publico de que todas as esmolas lançadas nessa caixa seguiriam, a seu tempo, para Fátima.

Em abono da verdade, devo dizer que essa caixa rende mais que todas as outras reunidas.

O nosso actual Prior P.e Angelo Mendes da Silva, alma de eleição e verdadeiro apóstolo, continua a tradição, celebrando em todos os dias 13 no altar de N. S.a do Rosario.

A maneira que o tempo passava, eu sentia aumentar novas forças. Tive ainda muitos revezes na minha saúde, mas o foco principal do mal parece ter desaparecido, o que fóra tambem confirmado por 3 analyses feitas á minha expetoração em épocas diversas.

Os dois lutos pesados de familia tambem me fizeram sofrer bastante, embora neles eu sentisse consolações espirituales verdadeiramente extraordinarias. Resistindo a tudo, embora ás vezes com dificuldades, já ia prestando os meus serviços e á causa de Deus votava os meus melhores cuidados.

A minha ida a Fátima deu que falar a muita gente e a propaganda que fizemos conjuntamente com a larga distribuição de jornaes da «Voz da Fátima» fêz aumentar, muito o culto a N. Senhora.

Depois de alguns mezes fui observado pelo Sr. Dr. Mendes Costa, que me encontrou incomparavelmente melhor.

—Então, tem tomado algum medicamento?

—Nunca mais tomei medicamento algum desde que fui a Fátima e, até hoje apenas tenho feito uso da agua de N. Senhora e terra que, por vezes, applicava sobre o pulmão. Não foi para me passar receita que eu o consultei mas sim para ver o meu estado de saúde.

—Eu já fazia tenção tambem de lhe não receitar, pois quem ha tanto está sem tomar medicamentos e está assim dessa forma... não precisa que lhe receitem. No entanto, apesar de ir em boa carreira, não o julgo ainda completamente curado.

Em setembro a seguir (1926) organizamos nova peregrinação em que tomarão parte mais de 20 pessoas.

Na vespéra da partida apareceu-me um incomodo que bastante me importunou mas não desanimei e segui.

Em Leiria, momentos antes da partida para Fátima, ainda me encontrava mal. Aflito, recorri á protecção de Nossa Senhora, achando-me repentinamente curado.

Em Fátima sempre as mesmas impressões do ano anterior.

Ao entrar no pavilhão dos doentes, a enfermeira Sr.ª Francisca, italiana, que no ano anterior bons serviços me prestou, reconhece-me e fica maravilhada por me vêr tão bem disposto, e, sem perder tempo diz-me. Então não publica esse milagre que é tão grande?! Quem o viu e quem o vê, que diferença!...

E' minha intenção publicá-lo e nisso tenho muita satisfação.

Imediatamente levou a boa nova a tantos doentes que no pavilhão supplicavam as mesmas graças. Momentos depois aproxima-se de mim e pede-me para que me levante, apresentando-me em seguida ao publico e dum modo parti-

cular aos doentes para lhes avivar mais a fé e a confiança em Nossa Senhora.

Depois de terminados os actos religiosos, cheios de saudades por esse cantinho do céu, onde ficam para sempre presos os nossos corações, regressamos ao nosso lar.

Quantas graças os meus companheiros obtiveram e que eu muito desejava publicar!

Depois desta data, estando eu um dia com o Sr. Dr. João Martins, medico e pai do meu medico assistente, diz-me: O senhor está bom, vái bem, mas por enquanto tenha cuidado, não se exponha muito e não abuse.

Entra o inverno rigoroso e eu, bem pouco previdente, abusava da minha saúde. Constipei-me algumas vezes mas sem consequências graves.

Em abril do ano corrente, ao tratar de uma nova constipação, que bem poderia ter evitado, a bronquite asmatica, doença já antiga e de que não fui miraculado, desenvolve-se por tal forma que me julguei perdido. Os pulmões começaram a resentir-se e desde essa data a minha saúde tem andado muito abalada.

Poderei ter o direito de me revoltar contra Nossa Senhora de quem tão grandes graças já tenho recebido?! Não. O abuso merece castigo e eu reconheço-o como justo. Continuo a orar e cada dia com mais fé, confiando sempre na protecção da Santíssima Virgem, que por certo me não abandonará, até que um dia A possa vêr, cheia de glórias, no Céu!

AS CURAS DA FATIMA

Joaquim Ramos, factor de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro Portuguezes, residente na rua de Vale Formoso de Baixo 57, em Braço de Prata (Lisboa) em carta de 23 de fevereiro ultimo, escreve:

«Ex.mo Senhor.

Director da Voz da Fátima

Como considero um milagre feito por nossa Senhora de Fátima, á minha pessoa a cura obtida no dia 13 de Maio do ano passado ás 3 horas da tarde, peço a V. Ex.ª tirar as conclusões do que abaixo vou dizer e publicar no jornal de



Joaquim Ramos

que V. Ex.ª é digno Director, se assim o julgar conveniente.

E' o seguinte:

No dia 27 de Dezembro de 1926 pelas 8 horas da manhã na ocasião que ia a sair de minha casa para ir tomar o comboio que partia da estação de Braço de Prata para a estação do Rocio, estação onde eu fazia serviço como factor de 1.ª classe, escorreguei ao sair da porta da minha casa, caí d'uma varanda para a rua e parti a perna direita pelo artelho, ficando o pé separado da perna, apenas seguro pelos tendões e péle e os ossos da cana partidos, sendo de pronto transportado num carro da cruz vermelha para o hospital de S. José, onde me trataram pessimamente a perna. Depois de pensado mandaram-me para o hospital do Desterro. Foi tão mau o tratamento que 3 dias depois tinha a perna com uma infecção, e principio de uma seticemia, estando quasi durante os primeiros tres mezes em perigo de vida por não ser possível fazel-a desaparecer.

Como a perna se não podia aguentar com o aparelho de extensão, por ter que ser tratada todos os dias duas vezes, não era possível que o pé ligasse á perna e assim se conservou dois mezes desligado

até que em março ligou, mas fóra do seu logar.

Como já não tinha esperança na vida, nem tão pouco que o pé ligasse á perna, e como me visse cada vez peor e a febre sempre entre 39,5 e 41, devido ao estado de putrefacção em que tinha a perna, escrevi uma carta ao meu medico Sr. Dr. A. Balbino do Rego, pedindo que me cortasse a perna a fim de salvar a vida sendo-lhe entregue a carta por minha mulher.

Veja V. Ex.ª qual seria a aflicção de uma mulher que vai levar a sentença de morte de seu marido!

Mas minha mulher teve coragem, satisfez o meu pedido e entregou a carta, sabendo para o que era.

Como ficaria minha mulher ao ouvir dizer ao medico:

«Não, minha senhora: Se escapar que escape com a perna».

Minha mulher, do fundo do coração diz-me:

«Pede a N. Senhora da Fátima, que não has-de morrer»

Não tenho esperança nenhuma já na vida (digo-lhe eu). Não sei a que Santo hei-de pedir». Pede a N. Senhora da Fátima. Tu te disse que tenho muita fé Nela. Tu é que não tens fé nenhuma e é por isso que te não achas melhor. Assim fui resistindo até ao dia 16 de abril, em que sai do hospital para minha casa, onde preferia acabar o resto dos meus dias.

No dia 12 de maio seguinte recebi um telegrama dos medicos da Companhia para comparecer na junta medica caso pudesse, mas como o meu interesse era o adquirir a saúde, com o maior dos sacrificios lá fui como pude, n'um carro. Ao chegar á estação havia muita gente em peregrinação para Fátima visto que era a vespera. Volta minha mulher a dizer: «Oh Joaquim, vai tanta gente para a Fátima!... Quem me dá ir também? Como eu tivesse muitos sofrimentos respondi: «Vai tu que não fazes cá falta nenhuma».

Ela retorquiu: «Não te posso dizer nada». Não tens mesmo fé nenhuma. E' por isso que te não achas melhor». Digo-lhe eu; vai se queres ir, que eu não te peço; o que quero é que me deixes».

No dia 13 pela manhã, por ordem da Companhia, ás 10 horas, veio o medico visitar-me para ver o meu estado visto que não era possível melhorar: Depois de me observar a perna diz: «O Senhor não se levanta hoje da cama, porque não pode». Serão cumpridas as ordens de V. Ex.ª respondo eu.

Como minha mulher vinha á janella ver passar os comboios que levavam muita gente para Fátima volta a insistir comigo: Oh Joaquim... vai tanta gente para Fátima! Se eu pudesse ir». «Vai, digo eu! Se não tiveres dinheiro peço o emprestado que eu não me importo que vás».

Como eu estivesse fartinho da cama, cerca das 11 horas, digo: «Oh Maria... faz o favor, vem-me vestir, que quero ir um bocadinho para o sob». Não diz ella, porque o medico não quer que tu te levantes». Como insistisse com ella para me vestir não quiz e eu vendendo-me desanimado digo-lhe: só faltava tu agora não me ligares nenhuma: os Santos não querem saber de mim, tu agora fazes o mesmo. Está bem. Aqui ficarei como, porém, ella não pudesse suportar as minhas supplicas, com pouca vontade veio-me vestir e me ajudou, como ponde, a levar para uma varanda onde fazia sol e ali me conservei encostado a tres cadeiras.

Muito resou nessa noite ao redor duma pequena imagem e com uma pequena luz, a minha mulher!

Pelas tres horas da tarde sentado na cadeira senti um grande formiguiro na perna partida e fiz na mesma ocasião esforço para me levantar, o que fiz sem muita dificuldade e sem auxilio de ninguém. Como me sentisse cheio de alegria lembrei-me de pedir as muletas á minha mulher para ver se já podia andar só com uma e encostado á grade da varanda. E já não foi preciso. Comecei a andar e assim percorri uns 40 metros com as muletas na mão, sem fazer uso d'elas.

Veja V. Ex.ª, Senhor Director quão grande foi a minha alegria, e especialmente a de minha mulher, que nem podia conter as lagrimas com a satisfação em que se encontrava!

N'essa mesma ocasião lembro-me de repente de Nossa Senhora da Fátima e digo: «Oh mulher!... Tu é que foste atendida e não eu e por isso iremos para o ano que vem, ou seja no dia 13 de maio á Fátima por fazer um ano que comecei

a andar e levar como penhor de gratidão o coração de ouro que minha mulher ofereceu a N. Senhora no caso de eu escapar, pois que nunca pensei que hoje fosse vivo e considero-me agora o homem mais feliz do mundo».

Maria E. Dias, de Évora (rua João de Deus 31), em carta de fevereiro que não era destinada á publicidade informa:

«Vai em cinco anos que, sem querer, bati com o seio esquerdo na chave de uma porta. Sofri muito, mas, a pouco e pouco, as dores foram passando e não mais pensaria em tal.

Passados mezes, talvez dois anos, no sítio em que sofri, a pancada, appareceu-me um carocinho que foi aumentando, se bem que não incomodasse muito. Porém, nos ultimos mezes de 1926, as dores e as picadas começaram de maneira tal que em princípios de 1927 tive que consultar o medico, aproveitando a oportunidade da visita que me fazia estando eu com gripe.

E' certo que sua Ex.ª não me desanimou mas disse-me: «Espere mais umas semanas (mas que não sejam mezes) e se as picadas e as dores continuarem, participe-me imediatamente». — Fiquei triste por me lembrar que teria de ser operada, por me lembrar que seria um cancro, mas não desanimei.

Foi então que escrevi a uma afilhada que tenho e a mais duas pessoas minhas amigas para que pedissem por mim á Virgem Santíssima, e por minha vez, com toda a minha alma, pedi a N. Senhora que me livrasse dum terrivel cancro.

Prometi a N. Senhora uma novena em cada mez durante um ano, durante a novena, usar agua da Fátima e publicar a graça se me fosse concedida.

—Na primeira semana ainda senti algumas dores e picadas bastante intensas mas pouco a pouco foram desaparecendo. O caroco porém continuava.

Chegou o mez de Dezembro e com elle a festa de N. Senhora da Conceição. Fiz a novena, como de costume, mais ainda: assisti á festa. — Escusado será dizer-lhe, Sr. P.e Silva, a devoção com que assisti sempre muito principalmente á benção do Santissimo em que, com toda a minha alma, pedi a Jesus e á Virgem que me livrassem do terrivel cancro.

Qual não foi porém o meu espanto quando, á noite, á hora em que costumava fazer o penso, nem sabia onde o devia colocar porque não encontrei o caroco!...

No entanto continuei a fazer a novena como prometera e agora que acabei cumpri-me participar-lhe tudo isto para que possa publicar na «Voz» em honra da Santissima Virgem, mais esta graça concedida.

Peço-lhe porém a fineza de publicar como entender pois que talvez o meu relato seja um tanto extenso.

O que desejo é acabar de cumprir a promessa, nada mais.

Que lhe parece tudo isto? — Não acha extraordinário? — Eu própria chego ás vezes a duvidar, não do poder de Deus, mas de mim, e fico a pensar muito tempo se o carocinho voltará e se eu terei ainda muito que sofrer.

Será porém o que Deus quizer e eu merecer. Se tiver de morrer em misero estado, morreréi.

Conformo-me com a vontade de Deus».

Dois miraculosos

Os nossos leitores decerto experimentarão como nós um grande prazer em ler a carta ha pouco dirigida ao Ex.mo Sr. Joaquim Duarte d'Oliveira (ver *Voz da Fátima* de Janeiro) pelo Ex.mo Sr. Dr. Acácio da Silva Ribeiro (*Voz da Fátima* de Outubro). E' como segue:

«Lourenço Marques — Caixa Postal N.º 62 11-2-928.

Ex.mo Senhor

Permita-me V. Ex.ª que, apesar de o não conhecer pessoalmente, lhe escreva esta carta. Foi com os olhos ramos de lágrimas que li na «Voz da Fátima» o brilhante relato da sua cura milagrosa; é ainda com eles ramos de lágrimas que lhe escrevo, relendo o mesmo relato!

Sou eu o medico a que V. Ex.ª se refere, fui eu que á Virgem N. Senhora de Fátima fiquei devendo a vida! Como me senti feliz ao ler que, como V. Ex.ª diz, a leitura do meu desastre, d'alguma maneira, concorreu para lhe despertar a fé e convidá-lo a recorrer A'quella que tudo póde, e a quem tudo Obedece!...

Que alegria senti, Ex.mo Snr!

Foi o principal fim que tive em vista, depois de agradecer á Virgem, tornar publico o meu caso para que de tantos infelizes, sofrendo horrorosamente, alguns houvesse que, lendo-o se lembrassem de pedir tambem a Nossa Senhora a cura de seus males. Ainda bem que V. Ex.ª o leu e com isso tanto lucrou! Bemdita, mil vezes Bemdita N. Senhora de Fátima! Eu fiz o meu relato muito á pressa, no pedaço dum serão, quasi em vespuras de partir para aqui, e por isso fui deficiente, omiti muitas coisas, não lhe dei o brilho que devia. Tive apenas a preocupação maxima de ser exacto e o mais rigoroso possível, visto que tinha sido assistente da Faculdade de Medicina em Coimbra, fui tratado e visto pelos meus professores, por todos os medicos que actualmente existem ainda em Coimbra, entre eles e alem dos que me operaram e citei, pelo Dr. Elisio de Moura, José Rodrigues, etc, etc., todos me visitaram todos acompanharam a minha doença, de modo que não podia nem desejava exagerar, para me não desmentirem ou chamarem mentiroso. Foi a minha grande preocupação, deixando muito por dizer. O meu desastre transtornou-me a vida economicamente, tive de vender algumas propriedades que tinhamos e empenhei-me; mas, apesar de ter o coração sangrando sempre por ter de me separar de minha esposa e filhinhos que tanto adoro, vim no cumprimento dum dever, tentar recuperar o perdido, porque N.ª Senhora m'o indicou, não permitindo que fossem efficazes tantos esforços que fiz para evitar a minha partida. Convencido de que o meu dever era partir, abafei o sentimento e parti. Assisti á inauguração da Imagem de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de S. Domingos, á noite, comunguei no dia seguinte e embarquei nesse mesmo dia 1 de Novembro de 1927. Estou aqui ha 2 1/2 mezes, devendo abrir o meu consultório na próxima 2.ª feira dia 13, dia de Nossa Senhora de Fátima. Tenho encontrado e encontrarei muitas dificuldades, mas espero que Nossa Senhora mas ajudará a vencer para, o mais depressa possível, regressar ao meu lar que está desfeito. Tenho arranjado aqui alguns assinantes da *Voz da Fátima*, arranjaréi quantos puder e, por mais que faça, nunca pagarei á Virgem o que lhe devo! Procuo cumprir rigorosamente o meu dever de esposo, cidadão e católico, para que ninguém possa atacá-me com razão, ou pôr em duvida a sinceridade das minhas crenças.

Tenho a certeza moral de que hei-de vencer ajudado por Nossa Senhora, e logo que volte a Portugal, se Deus assim o permitir, não passarei em Lisboa, sem procurar V. Ex.ª. Desejo conhecê-lo e conhecer Sua Ex.ma Esposa, verdadeira imagem da esposa modelar, a quem Deus dará o prémio de tanta abnegação e tão acrisolada fé! Para Ella os meus respeitos da mais elevada consideração, para V. Ex.ª os meus bem sinceros parabens e para os dois uma larga vida compensadora de tanto sofrimento. Desculpe-me V. Ex.ª o desabafo, mas não pude conter-me em silencio, a satisfação que me inundou a alma, impeliu-me a vir cumprimentá-los.

A quantos doentes eu tenho já falado em Nossa Senhora e falarei sempre que disso tenha ensejo, para os animar, chamar á fé e procurar na medida das minhas forças mostrá-los digno de tão grande milagre. Se em qualquer parte, eu para alguma coisa, puder ser prestavel a V. Ex.ª, recebo as suas ordens e confesso-me um grande admirador. Com o maior respeito

(a) Acácio da Silva Ribeiro.

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte...	97.651\$77
Papel, composição e impressão do n.º 66 (38.000 exemplares)...	2.269\$50
Sêlos, embalagem, transportes, expedição, gravuras, etc ...	735\$39
	100.656\$66

SUBSCRIÇÃO

(Maio e junho de 1927)

Enviaram dez escudos: Francisco Jorge, P.e José Lourenço Pereira de Matos, Ana Maria Clavin d'Ornelas Vasconcelos, Maria do Carmo Corte Real Abreu de Lima (20\$00), P.e Augusto José Vieira, Eli-seu da Silva, Beatriz de Barros Pinto Machado (20\$00), Joaquim Rosa Gomes, Maria Efigenia Sarmento, Sibila de Jesus

Pereira Fernandes Côrtes, Maria d'Ascensão Carvalho, Maria das Dores de Castro Lopes (15\$00), Abel Baptista Lopes, António Tinoco, Lucilia Maria Carneiro de Carvalho (15\$00), P.e Alfredo de Melo Abrantes, Alferes Baptista, Palmira Carolina (20\$00), Maria Magdalena da Silva, Gracinda dos Reis Carvalho, Helena Machado, Hermano Leça da Veiga, Maria Angela Albuquerque Oliveira, Guilhermina Correia, Maria Noemia Fernandes de Andrade, Maria Palmira C. Baptista Antunes, Tristão Bettencourt da Camara Junior, João Lopes Laranjeiro, Maria Angelica Correia, Luiza Pereira Rosa (15\$00), Luiz Lopes Abegão, Maria Paula Franco Cardoso Bernardino Fernandes Ribeiro, José d'Oliveira Pereira, P.e Eurico do Nascimento Lacerda Pires, Maria Amélia de Sá Osório Tovar, Beatriz M. de Sousa Ferreira, Maria Adelaide Pereira de Vasconcelos, Palmira Valente, P.e António Maria de Castro, Manuel Lopes, João Marques de Carvalho, João Baptista d'Almeida Carvalho, P.e António dos Santos Alves, António Rodrigues Pinto, Etelvina Torres da Costa, António José Valente (15\$00), Joaquim Fernandes dos Santos, Maria Barreto Alpoim, Custódio da Cunha Leite da Costa (15\$00), José da Cunha Leite da Costa, Virgínio Ferreira (16\$50), Guilhermina Rosa da Silva, João da Fonseca Cardoso, Paulo Alves de Sousa, Cristina de Matos Franco, Maria de Nazareth Ferreira, Ermelinda Guerreiro da Silva, Maria Helena Galpar Canastreiro, Manuel da Silva, Maria das Dores Santos Trindade, Miguel Nogueira de Sousa, Alice Martins Mono, Ester d'Oliveira, Julia Faria, Malvina C. Rocha Faria, Ester C. Rocha Faria, Laura Faria, José Miranda Filipe, Ermelinda Faria da Cruz, Maria Basto Vasconcelos, Margarida Cartelas Vieira Braga, Mariana Henriqueta Rosa, Ana da Conceição Pécurto, Amadeu da Conceição Roxo, P.e Manuel Pereira d'Oliveira (20\$00), José Rafael Santana Camacho Fialho, Manuel de Noronha (15\$00), P.e Adelino José Alves da Silva, Maria do Carmo Tavares, Herminia de Jesus, Maria da Purificação Godinho, Conego Manuel Fernandes Nogueira, José Cardoso Junior, Joaquim Neto, Alzira Ribeiro Rufino, P.e Joaquim Teixeira de Sousa, Maximiana Teixeira da Rocha, Maria dos Prazeres Chaves, Jesus Clara da Silva (5\$00), Maria José de Magalhães Barros (50\$00), Agripina Lusía, Joaquim José Granja Ferreira, Maria Lucilia Lopes, João da Silva Montela, Jerónimo Augusto Brito, Maria de Sousa, Maria Carvalho Dias Machado, Domingos Alves da Silva, José Dias Urbano, António Maria Duarte, Amália Monteiro Fiuza, Jacinto da Costa Melicias, João Ferreira Dias, José Ferreira Caxaria, Joana Nobre, Perpétua de Jesus, Carolina Correia Vieira, António da Costa Melicias, António Simões Duarte, António Domingues Ferreira, Guilhermina Amélia Alves Fortuna, Domingos Maria Monteiro, P.e Rufino da Silva Araújo, Maria Ana Gamito (20\$00), Herminia dos Santos, Maria do Rosário Costa, Maria das Dores Sobreira Jordão, Rosa Amélia da Silva, Maria José da Lourinhã (15\$00), Sebastiana Victor Nogueira. — De jornais: Georgina Moraes Silva (26\$20), Alice Rodrigues Leão da Silva (190\$00), Maria Augusta dos Santos Valentim (20\$00), Carmina Vieira (15\$00), Ana da Conceição Neves (55\$00), Joaquim José Ferreira (100\$00), Maria da Encarnação Barão (13\$00), Maria d'Assumpção Valente (60\$00), A. Reating (20\$00), Julio António de Assis (50\$00), Teresa B. Forte (60\$00), Maria Ana C. R. Teixeira (50\$00), António Vieira Leite (120\$00), P.e António Correia Ferreira da Mota (45\$90), Maria das Dores Tavares de Sousa (104\$00), Josefa de Jesus (11\$20), Joaquim Duarte d'Oliveira (50\$00), Luciano d'Almeida (70\$00), Maria José Ferreira Paulino (100\$00).

Abrigo para os doentes Peregrinos de Fátima.

Transporte...	5.640\$05
Anonimo...	5\$00
D. Maria Noemi de Faria Coelho...	10\$00
Alberico Miranda...	10\$00
Anonima de Agueda...	25\$00
Manuel Urbano Alves...	5\$00
D. Deolinda Pinto de Almeida...	10\$00
Manuel Dias Moreira...	10\$00
Manuel Pereira Dias...	5\$00
D. Arminda Dias de Sá...	10\$00
Anónima...	20\$00
	5.750\$05

As Grandes Maravilhas de Fátima

Acaba de sair do prelo, com o imprimatur do Senhor Bispo de Leiria, este novo e interessantíssimo livro do nosso preado colaborador sr. Visconde de Montelo, que, como o próprio título deixa entrever, contém a história sublime e em extremo comovente das aparições e dos sucessos maravilhosos da Lourdes portuguesa.

Escrito em linguagem clara e corrente de fácil compreensão ainda para as inteligências menos cultas, a sua leitura será por todos feita com bastante proveito e agrado.

Esta obra, precioso escripto de recordações que todo o verdadeiro devoto de Nossa Senhora de Fátima deve possuir na sua estante, está impressa em ótimo papel, consta de 414 páginas e é ilustrada com 50 gravuras, quasi todas de página, sendo a duas cores a capa lindíssima, cuja gravura reproduz a scena incomparável das aparições da Santíssima Virgem aos pastinhos.

É um primoroso trabalho de imprensa, um autêntico mimo de arte, cuja execução honra sobremaneira as acreditadas oficinas da União Gráfica, onde foi levado a cabo.

O produto líquido da venda é integralmente destinado á Obra de Fátima.

Quem quizer adquirir esse livro deverá enviar dez escudos por cada exemplar e mais um escudo para o porte do correio em carta registada, cheque ou vale postal a José Dias—Seminário Patriarcal—Santarém ou á União Gráfica—Travessa do Despacho, 16-Lisboa.

A seguir transcrevemos o

ÍNDICE DAS MATERIAS

I Parte

Prefácio

As aparições da Santíssima Virgem
A visão dos pastinhos—Lourdes e Fátima—Uma cura extraordinária—Notas e comentários—O dia 13 de Agosto de 1917—O dia 13 de Setembro de 1917—As declarações dos videntes—Nas vésperas do grande milagre—No dia do grande milagre—Depois do grande milagre—Ultimos interrogatórios—A morte de Francisco Marto—A morte de Jacinta Marto.

II Parte

Grandiosas manifestações de Fé e piedade de Glória e reparação.—Portugal junto lo trono da sua Padroeira—Fátima, centro dos corações—Fátima, pólo magnético das almas—Os prodígios da Virgem—O Paraíso na terra—Dez anos depois—Fátima e o «Poverello»—As glórias da Mãe de Deus—A cidade da Virgem aos pés de Maria—A terra da Virgem.

III Parte

As curas extraordinárias

Teresa de Jesus Martins: tuberculose pulmonar—Cecília Augusta Gouveia Prestes: tuberculose pulmonar e peritonial com ascite (hidropisia do ventre)—Emília de Jesus Oliveira: pleuresia sero-fibrinosa e lesões inflamatórias bacilares com começo de fusão—José de Oliveira Carvalho: mal de Pott lombar—João de Castro Sanchez da Costa Ferreira: meningite cérebro-espinhal—Armando de Oliveira: adenite supurada na virilha esquerda—Etelvira da Conceição Barroso: ulcera do estômago—Eugénio Julio Clara Neves: enterocolite, diarreia verde e meningite—Alfredo Augusto da Rocha: gastrite ulcerosa—António da Costa Viana: febre tifoide e peritonite generalizada com saída de pus—Américo da Cruz Madeira: meningite cérebro-espinhal—Joaquim Fernandes dos Santos: ulceração varicosa após uma febre tifoide complicada de flebite—Maria dos Santos Paiva: fistula proveniente duma cárie de costela (tuberculose óssea)—Rosa de Jesus Moraes: tumor de natureza suspeita—Rosa Maria Ribeiro: gastrite ulcerosa—Maria José Ferreira: meningite cérebro espinhal—Dr. Acácio da Silva Ribeiro (médico): fractura da perna direita.

APENDICE

Promessas aos devotos do Rosário—Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

ALIANÇA DIVINA

«Aquele fábrica meu amigo, ha-de ser o meu Calvário.

A terra prende-os, brutaliza-os (desculpe o termo).

O trabalho esgota-os; dão tudo ao corpo, ao dinheiro aos interesses materiais... e da alma, da pobre alma nem sequer se lembram por vezes».

Quem assim falava era um prior.

De pé, com o olhar pregado em qualquer coisa que da varanda envidraçada lobrigava ao longe ouvia-o silencioso um jovem engenheiro, alma de escol.

De repente, os olhos ficsaram-lhe num olhar intenso e pergunta, num sorriso:

—Diga-me, snr. prior, então quando reforma o seu presbitério?

—E' lindo, sabe? é mesmo poetico. Lá em cima na fábrica, no meio do meu trabalho e do progresso daquela industria tenho-lhe inveja.

—Oh meu amigo, esta casa é sua!

—Muito obrigado pela sua gentileza mas francamente emquanto a não vir um pouco remocada parece que nem a paisagem larga da sua varanda me agrada nem a agua daquela cascata me encanta.

O Snr. Prior, perdõe-me, espiritualisa-se demais.

Nós temos dois principios, não é? Alma e corpo; é necessário não desprezar nenhum dos dois.

Da intima harmonia entre eles depende a paz em nós.

—Mas o meu amigo bem sabe que Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Estou aqui ha tão pouco tempo... Já queria um presbitério arranjadinho.

Vai-se devagar que é mais seguro.

—Ora bem. E' isso mesmo que eu lhe queria dizer mas gostei que o snr. prior o dissesse primeiro.

(E em ar triunfante).

Vamos devagar, aos pouquinho que é mais seguro, não é?

Vamos fazer uma aliança para uma conquista—a conquista da minha fábrica, que?

—Se quero...

—Pois fica feita. A campanha começa já, melhor, ela já começou. Agora vamos estudar os planos.

Pense nisso snr. prior.

—Penso, penso e vou pedir a Deus que abençoe a sua ideia, engenheiro.

—Minha? Não. Dele.

—E peço-lhe que, já que no-la deu lhe dê vida.

—Está bem. Ha de ser a semente de mostarda do Evangelho de hoje, creia.

—Deus o oiça.

—Até logo, senhor prior!

Logo á noite deixa-me aqui passar um bocado não deixa? Que eu, no fim de contas, aprecio imenso o recolhimento silencioso e poetico da sua casa em contraste com o bolicio contínuo da fábrica e sobretudo, é claro, as nossas palestras. Faz tão bem o seu convívio!

—Não troce, engenheiro.

Bem sabe quanto eu estimo vê-lo aqui.

—Até logo então.

—Até logo.

Agil, o engenheiro subiu para o seu «Lancias» e nele, depois dum ultimo adeus, em 5 minutos estava na fábrica.

Ja radiante. Parecia-lhe ver a fábrica já transformada.

E imaginava levantar então, em sinal de triunfo, no mais alto corpo do edificio central, uma grande imagem a Cristo Rei.

Quê? Haviam de as ideias revolucionárias fazer-lhe ao operariado o que ele fazia á terra—revolve-lo, revolta-lo?

Não! Ele seria o primeiro no trabalho, o primeiro na igreja, o primeiro na vida de família e no amor aos seus, o primeiro na estima pelos seus subditos.

E havia de triunfar!

Um grande numero de operários, educados sem religião viviam escandalosamente em publicas mancebias.

Não tinha jeito aquilo.

Era necessário reformar.

Pouco a pouco, hoje um, amanhã outro, a uma palavra do senhor prior que os ia ver, que os ia visitar, que os ajudava, que os ensinava, que vivia quasi entre eles, que porisso eles estimavam já, ao menos como amigo—todos vieram á prática da lei do Senhor, casando-se e começando a cumprir os preceitos.

Por seu lado o engenheiro não descansava.

Quando a batalha estava já quasi vencida, atrevido, o engenheiro propoz que se igasse o pendão da vitória.

E numa das salas—onde eles mais tratavam de corpo—foi posto o troféu e o penhor da vitória sobre as suas almas.

A Fábrica, os directores, os operários consagravam-se ao Coração de Jesus e queriam-no ver ali representado na parede, a abençoá-los a todos.

Quatro anos eram passados sobre a sementeira do grãozito de mostarda que, segundo a profecia do engenheiro e pela acção dos dois, abençoados e guiados pela graça Divina, germinara, crescera e abrigara sob a sua protecção quasi todas as almas daquela fábrica.

Quasi todas sim.

Mas aquele quasi era torturante. Porque não todas?

Havia ainda duas—não mais—que se mostravam refractárias á graça.

Mas os dois, cada um por seu lado, não cediam.

Depois, tinham hoje por seu lado o meio. Todos praticavam menos os dois...

Todos se confessavam menos os dois...

Todos recebiam o Pão Divino menos os dois...

Parecia o demónio a rir-se do prior e do engenheiro, guardando para si aquelas duas almas.

A batalha entrou então no seu auge. Recorreu-se á arma mais poderosa para a conquista das almas—a oração.

Fez-se violência ao Céu.

E o Céu deixou-se vencer e... venceu a contumacia daquelas duas almas.

Era á noite. A' cabeceira dum doente sentara-se um padre. A voz roufenha mal se lhe entendia.

Tinha um tetano.

Sobre a mesa de cabeceira uma imagemzinha da Senhora da Fátima. De espaço a espaço o doente beijava-a devotamente.

—Tu estás muito doente, António, pois estás? Coitado!

—Estou sim senhor.

—Eu vinha vêr se tu estavas melhor.

—Muito obrigado! Estou na mesma.

E o padre ia orando de quando em quando.

Ao beijar a imagem mais uma vez, o doente diz baixinho mas de forma que o prior poudo ouvir.

—Estou mal... Vamos lutar!

Hei-de vencer!...

E para o prior, fazia-me bem um pouco de agua da Fátima.

—Da Fátima não a tenho lá. Mas trago-te agua de Lourdes—tudo é agua de Nossa Senhora.

—Ai que bom!

—Então eu vou buseá-la.

O rapaz bebeu e sentiu-se melhor, melhorou de todo.

Cura natural? Extraordinária? — Não sei. Curou-se.

Dias depois, quando o padre como de costume entrava em casa do doente, uma senhora, de catecismo na mão, dirige-se-lhe assim:

—Senhor prior, estou a estudar o catecismo, a renovar os antigos conhecimentos que deixei esquecer. Depois vou confessar-me e recommençar a praticar a religião católica. Só agora o conheci a si e á sua acção.

—Mas, minha senhora...

—Sim. Eu julgava que a confissão matava os doentes mais depressa... e o senhor prior ressuscitou-me o meu companheiro.

—Pois bem, minha senhora quando quizer, com todo o prazer.

Era uma das tais duas almas...

A' tardinha, á porta da igreja perguntava-lhe alguém:

—O Snr. prior amanhã dá aqui Nosso Senhor?

—Oh! Sim! A quem? A si?

—Talvez. E porque não?

—Bravo! Muitos parabéns. (E entusiasmado deu-lhe um grande abraço).

—Eu não disse que era com certeza para mim.

Mas hei-de, esta quaresma, dar-lhes

esse prazer a Nosso Senhor e a si, esteja descansado.

—Ah isso me basta.

E tendo-o perdido de vista na volta da estrada, o prior correu a ajoelhar-se deante do Sacrário a resar um fervoroso simo «Te-Deum».

Resou, chorou, agradeceu.

A fábrica ia ser toda de Nosso Senhor. Agora já não tinha de temer a fábrica e a sua infâmia na freguezia.

O engenheiro veio um pouco mais tarde naquele dia.

O prior foi-lhe ao encontro abraçou-o contente como uma creança.

—Que é isso senhor prior?

—Ah meu amigo, os dois que nos faziam suar e que pareciam recalcitrar contra a graça, acabam de ceder, vão confessar-se esta quaresma.

—O quê?

—Assim mesmo.

—Louvado seja Deus!

—Nosso Senhor lhe pague, engenheiro, o seu esforço.

—A mim não deve nada senhor prior. Que tive eu para aí? Nem prego nem estopa...

—Foi o seu exemplo, o seu conselho, a sua acção tenaz, o espelho de sua vida sobretudo.

—Não fiz mais do que devia.

Foi antes a acção do Senhor prior entre a minha gente. Eles querem-lhe como a um pai.

—Não, isso não. Digamos antes que foi a graça de Nosso Senhor servindo-se de nós como instrumentos.

—E bem ordinários, ao menos pela minha parte.

—Deixe-se de modestias.

Agradeçamos muito a Nosso Senhor esta graça.

Bastava-me isto para assinalar esta quaresma.

Hoje a fábrica é uma fábrica cristã.

A acção metódica, tenaz dum padre que se deixa mover pela graça nunca fica sem resultado.

Mas quando se lhe junta o exemplo fascinante duma vida profundamente cristã num leigo que se sente a arder em zelo pela salvação das almas, ah! então a tal aliança, se ela tem por arma principal a oração!...

Aqui transformou uma fábrica—transformará o mundo quando unidos sacerdotes e leigos se resolverem a trabalhar sem descanso pela salvação das almas.

Almas de escol ha-as ainda, mercê de Deus, pela nossa terra.

Mas, ás vezes, entorpecidas, só pensam em si.

Padres zelosos não faltam. Mas nem sempre sabem por onde hão-de começar.

Despertem as almas que o Senhor distinguuiu com um amor de predilecção e vão em falange—guiadas pelos sacerdotes—conquistar o mundo. Despertem, orem, trabalhem com os olhos em Deus que do nosso trabalho algum fructo se ha-de colher.

A aliança do padre com os leigos zelosos para trazerem as ovelhas tresmalhadas ao redil de Jesus é realmente uma aliança divina e uma aliança tremenda... para o demonio.

NO SACRÁRIO DEUS ESTÁ ALI

Se ha alguma coisa no mundo capaz de nos revelar a nossa propria grandeza e de imprimir á nossa alma o sentimento da nossa dignidade pessoal, é seguramente a certeza da presença perpetua de Deus entre nós. Deus está aqui! Que é que nos pode chegar mais ao fundo de que este claro nos nossos pensamentos e nos nossos affectos? Deus está aqui! Portanto... eu não sou despresado nem esquecido por Ele.

A minha vida tem, pois, bastantes atractivos, a minha alma bastante valor para interessar, para atrair, para segurar Deus junto de mim!

Quem poderia dizer hoje quanto este facto só da presença de Jesus entre nós tem, ha dois mil anos, extinguido cogitações más, suspenso e sufocado resoluções imorales, feito germinar virtudes?

Estabelecendo-se d'uma forma permanente e visível no meio do seu povo, Jesus Cristo ahi mantem incessantemente a fé e reanima as esperanças.